

27 de abril de 1950

MEIO DE SEMANA

(Especial para o "Correio do Povo")

Reynaldo Moura

Lá pelos meados de 1921, foi aberta uma subscrição para os volumes de luxo de uma edição reduzida de *Ulisses*, de James Joyce. A edição era francesa e estava sendo dirigida por Miss Sylvia Beach. Dos lugares mais distantes da terra chegaram pedidos: Sarawak, Colônias do Estreito de Malacca, China, Bornéu, sem contar naturalmente, o mundo do ocidente, Paris onde se fazia essa edição só para os joyceanos, essa parte de humanidade, pequena mas teimosa, que faz pano de fundo para as mais audaciosas empresas literárias.

Certamente, Bernard Shaw foi um dos contemplados com os prospectos, anunciando a obra marcante de Joyce, e pedindo sua inscrição, coisa que deveria decorrer naturalmente da posição mental de Shaw no universo das letras.

Aqui vai a carta do teatrólogo irlandês, em resposta a esse prospecto:

Estimada senhora.

Li vários fragmentos de *Ulisses* em série. É um asqueroso testemunho de um repugnante aspecto da civilização; mas é verídico; gostaria de colocar um cordão em torno de Dublin, encerrar nele todas as pessoas masculinas entre os quinze e os trinta anos, obrigá-las a lê-lo e perguntar se podem encontrar algo de interessante em toda essa irrisão e obscenidade mal falada e mal pensada.

E depois de outras considerações, o tópico final:

Devo acrescentar, já que o prospecto implica num convite à aquisição, que eu sou um maduro cavalheiro irlandês, e se imagina que um cavalheiro irlandês - e muito menos na idade madura - pagaria 150 francos por um livro, é que conhece muito pouco os seus compatriotas.

Fielmente. - Bernard Shaw

Esse *Ulisses* de Joyce, que é o corredor infinito da hipnose no comentário de Jung, foi talvez um dos livros mais discutidos, louvados e combatidos nos tempos modernos. Shaw faz blague, naturalmente. Como tantos outros, com referência a Joyce e à sua obra estranha e personalíssima, que tem corrido mundo na admiração e no desespero de seus leitores. Para Jung, psicanalista dissidente da ortodoxia de Freud, *Ulisses* é o labirinto sem termo da consciência humana e de seus compartimentos secretos e de seu profundo mistério ainda não revelado em sua totalidade. Ler *Ulisses* é adormecer aos poucos na poltrona da monotonia universal. Imagine-se, pois, uma consciência vigilante e diurna, diante do panorama duplo das aparências e dos abismos da existência humana, ao longo de milhares de páginas compactas que acabam num discurso interior sem nenhum senso aparente de lógica, pretendendo captar todas as nuances do espírito em sua aventura noturna pelo país de suas próprias sombras!

Mas *Ulisses* não se lê como recreio; ele só serviria de recreio para uma espécie de monstro mental, dotado dos tentáculos da paciência infinita e da lucidez vizinha da loucura tranqüila da compreensão sem fronteiras.